

ROSA MONTERO

A BOA SORTE

Tradução
de Helena Pitta

Aquele homem não levanta a cabeça do portátil desde que saímos de Madrid, apesar de este ser um AVE, um comboio de alta velocidade, de uma lentidão exasperante, com paragens em todas as estações possíveis no caminho até Málaga. Pode parecer que está imerso no seu trabalho, quase arrebatado por ele; mas qualquer observador metuculoso, ou pelo menos persistente, reparará que, de quando em quando, os olhos dele deixam de vaguear pelo ecrã e adquirem uma opacidade vítrea; que o corpo fica rígido, suspenso a meio de um movimento ou de uma pulsação; que as mãos se contraem e os dedos se arqueiam, como garras crispadas. Nesses momentos é evidente que está muito longe da carruagem, do comboio, desta tarde tórrida que esmaga a sua trivialidade poeirenta contra o vidro da janela. A mão direita daquele homem tem duas unhas pisadas e negras, quase a cair. Devem doer-lhe. Tem também uma ilha de pelos por cortar no maxilar quadrado, perfeitamente barbeado na área restante, o que demonstra que não se olha ao espelho quando se barbeia. Ou mesmo que nunca se olha ao espelho. E, no entanto, não é feio. Terá uns cinquenta anos, cabelo abundante e grisalho, liso e desalinhado, demasiado comprido na nuca. Um rosto de traços grandes, lábios carnudos, nariz proeminente, mas harmonioso. Um nariz de general romano.

Vendo bem, aquele homem devia ser vistoso, atraente, o típico macho dominante, ciente do seu próprio poder. Mas há nele qualquer coisa desajustada, falhada, errada. Uma ausência de esqueleto, por assim dizer. Isto é, uma ausência completa de destino, que é

como não ter ossos. Dir-se-ia que aquele homem não chegou a um acordo com a vida, ou sequer consigo mesmo, o qual é o único êxito a que podemos aspirar, como nesta idade já todos sabemos: chegarmos, como um comboio, como este mesmo comboio, a uma estação aceitável.

Parámos em Puertollano há apenas quinze minutos, mas a locomotiva reduziu mais uma vez a velocidade. Vamos voltar a parar, desta vez no apeadeiro de Pozonero, uma pequena povoação de passado mineiro e presente calamitoso, a avaliar pela extrema fealdade do local. Casas miseráveis com telhados de uralite, pouco mais do que barracas verticais, que alternam com ruas típicas do desenvolvimento franquista mais paupérrimo, com os habituais prédios de apartamentos de quatro ou cinco andares, de reboco em ferida ou de tijolo manchado de salitre. O AVE estremece um pouco, sacode-se para a frente e para trás como se espirrasse, e acaba por parar. Surpresa: aquele homem levantou a cabeça pela primeira vez desde o início da viagem e agora olha através da janela. Olhamos com ele: uma mão-cheia de carris ásperos e vazios, paralelos ao nosso, estende-se até um edifício encostado à via-férrea. Nós estamos a alguma altura, numa espécie de ponto elevado que deve ficar ao nível do segundo ou terceiro andar do imóvel. Quase à beira dos carris, espreita uma varandinha arruinada, de caixilharia metálica, cuja porta não encaixa e onde apodrece uma velha garrafa de gás, esquecida junto de uma parede de tijolo barato. Preso ao gradeamento oxidado, num cartaz de cartão – talvez a tampa de uma caixa de sapatos – escrito à mão, pode ler-se: «Vende-se», e um número de telefone. A representação perfeita do fracasso.

Aquele homem fica a olhar para esta paisagem deplorável durante muito tempo. Imóvel, impassível, dir-se-ia que sem pestanejar. Finalmente, o comboio retoma a sua marcha e ele afunda de novo a cabeça no computador. Precisamente vinte e oito minutos depois, entramos em Córdoba Central. Aquele homem levanta-se, revelando que é muito mais alto do que parecia; o seu casaco, caro e de bom corte, talvez de linho, parece um acordeão e pende às três pancadas dos seus ombros ossudos; no entanto, não ajeita a roupa, como tanta gente faz automaticamente ao levantar-se. Tira uma mala pequena da

bagageira, põe-na no banco e guarda lá dentro o portátil. Endireita-se, afasta o cabelo da testa com a mão e sai da carruagem.

Já em baixo, parece ter perdido de repente o impulso que o movia. Fica paralisado ao pé dos degraus, a olhar desconcertado à sua volta, enquanto os passageiros que saem atrás dele resmungam, protestam e acabam por contornar o obstáculo por ambos os lados, como um rio que se divide em redor de uma rocha. Mas os viajantes que querem subir já não são tão educados.

– Pelo amor de Deus, homem! Faz o favor de sair da frente? Que pastelão!

Aquele homem estremece como se saísse de um transe, aperta a pega da maleta até os nós dos dedos ficarem brancos e põe-se a andar de forma decidida, ou pelo menos sem parar, uma passada atrás da outra, até chegar ao vestíbulo da estação e ao guiché de venda de bilhetes.

– Acabo de chegar no AVE de Madrid. Qual foi a última paragem?

– Perdão? – A funcionária olha para ele com os olhos muito abertos.

– Acabo de chegar no AVE de Madrid. Qual foi a última paragem? – repete ele, imperturbável. E depois explica-se: – O que quero saber é como se chamava a paragem anterior a esta. Não reparei. Por favor.

– Puertollano, suponho... Ou... Não, porque era o das 16h26. Foi o apeadeiro de Pozonero.

Ele acena que sim com a cabeça.

– Muito bem. Nesse caso, quero um bilhete para Pozonero, por favor.

A funcionária volta a observá-lo como uma coruja, com uns olhos maiores do que os óculos.

– Hum... Hoje não param mais comboios aqui. Só passam quatro por dia. O primeiro seria amanhã, às 8h45.

– Não. Tem de ser agora – objeta ele calmamente, como se tudo dependesse da sua vontade.

– Vá de autocarro. Há bastantes. Olhe, a estação fica mesmo ali, a duzentos metros. Saia por aquela porta.

Sem agradecer nem se despedir, aquele homem dirige-se até à central de autocarros, compra um bilhete, espera uma hora e três minutos sentado num banco duro, por entre o bulício, entra no autocarro e observa a paisagem através da janela durante outros cinquenta e sete minutos. Durante todo esse tempo não faz nada, além de pestanejar mais lentamente do que um ser humano normal, um pestanejar parcimonioso, mais próprio do de um lagarto, enquanto o mundo passa como um diorama no outro lado do vidro da janela – campos abrasados pelo calor, embora o verão ainda não tenha começado oficialmente, pequenas árvores torturadas pela seca, fábricas poeirentas, explorações avícolas abandonadas, *graffiti* garridos nos muros esboroados. Um sol muito vermelho põe-se. São nove e um quarto da noite de um dia 13 de junho.

O autocarro chega finalmente a Pozonegro, que confirma as suas pretensões de vilória mais feia do país. Um supermercado da cadeia Goliat à entrada da povoação e a estação de serviço que há ao lado, pintada recentemente e com anúncios fluorescentes, são os dois pontos mais iluminados, limpos e animados da localidade; só neles se respira um orgulho razoável de ser o que são e uma certa confiança no futuro. Tudo o resto em Pozonegro é deprimente, pardo, indefinido, sujo, a precisar com urgência de uma demão de tinta e de esperança. A maior parte das lojas está encerrada e o seu fecho deve ter acontecido noutra época geológica. Dois bares que, mesmo do exterior, se adivinham pegajosos e cheios de moscas, e uma igreja de blocos de betão são os marcos turísticos mais dignos de nota que aquele homem consegue ver no trajeto, se é que realmente é capaz de ver alguma coisa com os seus olhos lentos e frios de lagarto. Quando o autocarro para numa esquina (só saem três pessoas), ele tenta orientar-se. Não é difícil. Ao entrarem na povoação, atravessaram uma passagem de nível. Dirige-se pela rua em direção aos carris e depressa chega ao lugar que procurava, que é apenas meia rua estreita e escura, asfíxiada pela passagem elevada da linha férrea, que, de facto, fica à altura do segundo andar. Aquele homem olha para cima, para a varanda e para o cartaz da varanda, que felizmente está iluminado pelos candeeiros do apeadeiro. Resmunga qualquer coisa entre dentes, como se acabasse de

se dar conta de um problema; tira o telemóvel do bolso do casaco engelhado e, depois de procurar durante algum tempo, encontra os óculos e marca o número com dedos titubeantes. Um segundo de espera. Alguém atende do outro lado.

– Quero comprar o apartamento que fica diante da estação. (...) É esse mesmo. Sim. Muito bem. Aceito o seu preço. Quero comprá-lo. (...) Agora... Quero dizer, agora mesmo... Estou à entrada. (...) Não está a perceber. É agora ou nunca. Sim, quero fechar o negócio já... Sei que não são maneiras de proceder, mas é isso ou nada... Tenho o dinheiro, não se preocupe... Não, não é uma brincadeira... Já lhe disse que estou ao pé da casa... (...) Está bem. Espero por si.

Cinquenta e três minutos de espera, em que vai transferindo o peso do corpo de um pé para o outro. Para uma vila tão pequena, o dono da casa está a demorar demasiado. Finalmente, aparecem dois tipos: um de ar tosco e rude, com quarenta e tal anos, baixo e barrigudo, mas sem dúvida forte, com um pescoço que parece um tronco e manámulas pesadas. O outro tem um aspeto melífluo; também é barrigudo, mas é claramente delicadinho: ombros estreitos, perninhas de arame e uma cara mole em forma de pera. Deve ter mais ou menos a mesma idade do «pescoço-tronco», mas a formalidade do seu fato e o ar pretensioso e um pouco rígido fazem-no parecer mais velho.

– Sou o proprietário. Benito Gutiérrez. E este é o senhor notário, Dom Leocadio.

Não é necessário especificarmos quem é quem, porque se ajustam ao lugar-comum. Benito faz uma breve pausa e observa o potencial comprador. Tem uns olhos pequenos, muito pretos, desconfiados. Depois, prossegue:

– O senhor notário, que vive aqui perto, fez o favor de me acompanhar. Como o senhor vem com ideias tão estranhas... – A boca torce-se de tanta desconfiança.

– Só quero fechar já o negócio.

– Está bem... Subamos para ver o apartamento...

– Não é preciso. Repito que a única coisa que quero é fechar o negócio quanto antes – contrapõe o homem, estendendo uma mão no ar e detendo o estupefacto vendedor.

– A que se deve tanta pressa? – intervém o notário num tom de voz demasiado estridente. – É perseguido por alguém? Está a fugir da lei? Quer lavar dinheiro?

Di-lo como uma piada e, ao mesmo tempo, para demonstrar que encarna o poder. Sorri, sentindo-se magnífico.

– Não há nada de ilegal, não se preocupe. Com que banco trabalha? – pergunta aquele homem ao proprietário.

– Com o Iberobank.

– Ótimo, também tenho conta aí – diz ele, ligando o portátil.
– Posso fazer-lhe uma transferência da totalidade e você recebe-a de imediato.

– Perdão?

– Um momento, um momento... Isto não são maneiras de fazer as coisas – protesta o notário. – Temos de fazer um contrato-promessa de compra e venda, verificar se o apartamento está livre de encargos... Bom, digo isto por si...

– Está livre, Dom Leocadio – garante o vendedor, com os olhos ardentes de avareza.

– Está bem, Benito, acredito; mas as coisas não se fazem assim.

– Proponho-vos que redijamos à mão um pré-acordo de venda. Assinamo-lo agora e amanhã formalizamo-lo no cartório notarial – sugere o homem.

– Não pode ser. Não é assim que se faz.

– Nesse caso, não o quero. Sinto muito. Quero fazer o negócio hoje mesmo; caso contrário, não me interessa.

Consternado, o proprietário aproxima-se e murmura ao ouvido do notário:

– Por favor, Leocadio... peço desculpa, Dom Leocadio, mas quem mais é que me vai comprar este apartamento diante da merda dos comboios?

Finalmente, triunfa a eloquência do dinheiro. O notário escreve com demorado esmero um texto cheio de salvaguardas: desde que o comprador demonstre ser o detentor único e legítimo da soma paga, desde que a origem da dita soma seja legal, desde que... O aspirante ao apartamento liga-se pela *internet* com o seu banco, digita os quarenta e dois mil euros que o vendedor lhe pediu e envia-os.

Depois, os três dirigem-se até ao multibanco situado à entrada da estação, onde Benito comprova que, efetivamente, já dispõe do dinheiro na sua conta.

– Bom, pois em princípio, e salvo algum imponderável, você já é proprietário do imóvel – anuncia Dom Leocadio, devolvendo-lhes os documentos de identificação. – Espero-vos amanhã ao meio-dia no cartório.

– Pegue. Só trouxe um conjunto, amanhã dou-lhe outros dois – diz Benito, entregando-lhe as chaves. – Olhe que nem sequer subir para ver a casa...! Que estranho que você é... – acrescenta, com uma sinceridade que lhe escapa dos lábios.

– Boa noite.

Mas, volvidos dois passos, o «pescoço-tronco» não consegue conter-se, e volta-se para o comprador.

– É por razões fiscais? Tinha de comprá-lo com a data de hoje? Para que o quer? – pergunta Benito, a contragosto, erguendo a voz devido à distância.

– Para viver – responde o homem, sem sequer se voltar.

E depois continua pelo mesmo caminho, já só, até regressar à rua silenciosa. À sua rua. Muito curta, porque acaba na rampa por onde continua a via-férrea. Um único passeio habitado, composto por quatro edifícios estreitos, todos igualmente feios. Ou talvez não: talvez o seu seja um pouco mais feio, por ser pretensioso. É o mais moderno. Do início dos anos sessenta, sem qualquer dúvida. O prédio só tem sete metros de largura. Um único apartamento por andar. Apenas duas aberturas para o exterior: a varanda e uma janela. A entrada está completamente de acordo com o prédio: uma porta tão pequena como a de qualquer quarto, em caixilharia de alumínio, com grades e vidro fosco atrás. O vidro está partido, e no rebordo de alumínio vê-se uma mosca morta de patas para cima. Ele entra e tateia até encontrar o interruptor: luz de néon, lâmpada nua, meio fundida. Um espaço retangular mínimo, com ladrilhos verde-vómito. À esquerda, as escadas. À direita, as desconjuntadas caixas de correio e um caixote de lixo. É surpreendente verificar que não cheira a podre.

A porta do segundo andar é de contraplacado e pode ser deitada abaixo facilmente com dois pontapés. Tem uma velha tranca de

correr e uma fechadura normal, mas nem os gonzos nem a moldura resistiriam. Quando a porta se abre, aquele homem vê, à luz crua do patamar, outra porta à sua frente e um corredor estreito que desaparece à esquerda na escuridão. Carrega no interruptor que está à entrada, mas nada acontece. Procura, na penumbra da parede, a caixa de eletricidade. Aí está, ao pé da ombreira. Ergue a alavanca e a casa ilumina-se. É uma força de expressão: algumas lâmpadas de baixo consumo e muito poucos *volts* espalham as sombras, transformando o eriçado irregular das paredes numa paisagem lunar de montes e crateras. Aquele homem pousa a maleta no chão e avança. A abertura em frente dá para a sala, ou melhor, para a varanda, estreita e comprida como um ano mau. O corredor mede uns quinze metros de comprimento e tem um ramal à direita. No fim do corredor principal, a casa de banho minúscula e horrenda, com uma abertura que dá para uma chaminé para o exterior, de um metro por um metro. Abre a torneira. Os canos tossem e arrotam um pouco, mas há água. Tão pequeno é o aposento, que para lavar as mãos é preciso enfiar metade do corpo no chuveiro de azulejos brancos com as juntas negras de porcaria, e cortinas de plástico que um dia foram transparentes e agora são de um amarelo pegajoso e espesso. Se regressarmos por onde viemos e entrarmos no outro ramal do corredor, à esquerda fica a cozinha, antiga, minúscula e imunda. Cheira a gordura velha e tem uma janelinha que também dá para aquele tubo tenebroso. À direita, mesmo em frente, o outro quarto, o da janela que dá para os carris, um aposento ainda mais estreito do que a sala, iluminado apenas pela claridade dos candeeiros do apeadeiro. Na parede poeirenta de pintura irregular, a sombra fantasmagórica de um grande crucifixo. Aquele homem suspira, tira do bolso do casaco quatro embalagens de toalhetes desinfetantes e, abrindo-as uma após outra, limpa conscienciosamente os mosaicos imundos. Ou melhor, limpa mais ou menos um metro quadrado, porque as quatro embalagens não dão para mais. Depois de meter os toalhetes sujos nos seus invólucros e estes de novo no bolso, o homem apoia as costas à parede e deixa-se escorregar até ficar sentado nesse pedaço de chão. Tira o *iPhone* e dá uma olhadela desinteressada aos milhares de chamadas e de mensagens que recebeu. Tinha o telemóvel no silêncio; agora, desliga-o. Está

cansado; com tudo aquilo, já é quase meia-noite. Bem podia fechar os olhos por um bocado e dormir. De repente, ouve um rumor. Um troar súbito que se multiplica a toda a velocidade e que provoca a mesma sensação de vertigem que temos quando estamos prestes a desmaiar. Uma avalanche cai-lhe em cima. Os vidros estremecem, o chão trepida, os piquinhos da parede raspam-lhe as costas. Tudo treme, tudo se move dentro da casa, enquanto o comboio passa a ulular e sem parar diante da janela, numa explosão de ar e de energia, como um furacão metálico. Com estrépito, o bicho afasta-se, abandonando tudo, arrastando tudo, e deixa apenas um silêncio vazio, o silêncio pesado dos cemitérios.

Se alguma vez for obrigado a saltar de um comboio em andamento – recorda o novo proprietário –, é preciso olhar primeiro para a frente e tentar escolher um local que pareça macio; atirar a bagagem e depois atirar-se para o vazio, inclinando as costas para trás o mais retas possível e dando grandes passadas no ar.

As paredes voltaram a recuperar a sua feia quietude. *Que desperdício de espaço, que corredor enorme, que distribuição horrível*, diz aquele homem para si. E sente algo semelhante a um consolo amargo.